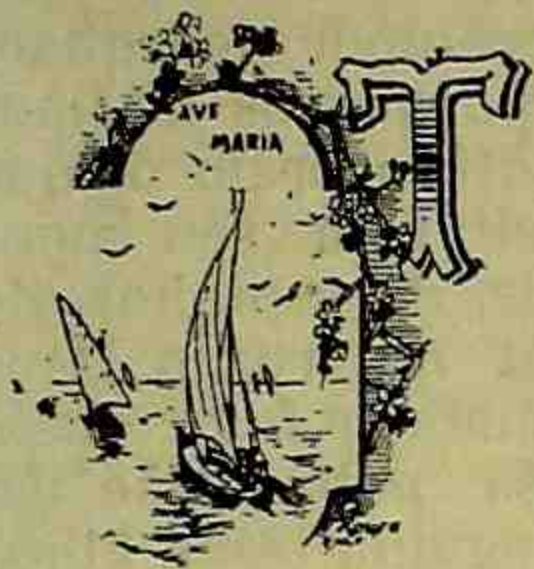


## Mater Dolorosa



EM a divina Providencia cousas proprias suas e que estando, por serem della, divinamente justificadas, não têm tambem outra justificação, senão serem cousas da Providencia divina.

Esse diluvio de tormentos e de paixões que significam e comprehendem os mysterios da Semana Santa estão perfeitamente explicados dizendo que são a expiação do peccado, feita por quem unicamente podia fazel-a dignamente. Foi a obra da redempção como foi a obra da expiação, e para remir

deu o preço exigido, quem unicamente o possuia e o podia dar; Jesus derramou seu sangue e salvou o mundo soffrendo e morrendo. Nesse soffrimento não tem companheiro igual, porque igual a Deus, a quem devia dar-se satisfação completa, só Deus é igual; deu todavia grande parte nos soffrimentos e na satisfação a Maria Santissima sua Mãe.

Cousas da divina Providencia! E' o homem que pecca, é o peccador quem provoca a divina indignação, é o homem peccador a quem corresponde pagar o que elle fizera, restituir o que furtara, satisfazer a offensa; e como elle não dêsse signaes de querer nisso



Entrada triumphal de Nosso Senhor em Jerusalém.



fazer cousa de proveito, como, sem saber, pretendesse "perder-se a si e a seus semelhantes, o mesmo Creador põe sua mão e toma a satisfação, não aniquilando o malfeitor senão servindo-se de seu mesmo crime para dar-lhe expiação completa. Como?! Com os mesmos tormentos, que com seus crimes dão os criminosos a Deus homem, expia Deus homem seu peccado, soffrendo a innocencia, morrendo a mãos dos criminosos, recebem estes o perdão e misericordia.

Cousas da divina Providencia! Isso tudo está bem que fizesse Deus, porque era Deus que fazia em si e na segunda pessoa da Trindade santissima, feita homem; mas, e porque quiz Deus que tivesse parte tão activa nos soffrimentos a Mãe de Deus? Porque si era por necessidade, não eram necessarias suas dôres e soffrimentos onde estava o infinito peso dos meritos de Christo e de sua santissima Paixão; si era para expiar culpas proprias, não ha isso lugar na innocentissima Mãe de Deus que nunca peccara, nem tivera parte alguma no mesmo peccado de origem: se era para ajudar a Deus não precisa elle do auxilio dos homens si era para satisfazer pelos homens ella que pertencia a nossa raça, que são os merecimentos humanos quando o que se ha de satisfazer é offensa infinita, e a quem deve dar-se a satisfação é o mesmo Deus? E sendo assim, porque fazer soffrer dôres terriveis á Immaculada Rainha dos Santos, á innocente Mãe do Creador? Porque? Oh! *Judicia Dei abyssus multa*. Porque?... São cousas da divina Providencia.

Cousas da divina Prividencia! E como é Deus infinitamente sabio e infinitamente amoroso até nos mesmos tormentos nem que esses sejam do Coração afflicto de Maria! Si nos fosse licito ou possivel penetrar nesse afflictissimo coração nesses dias que agora damos em chamar Semana Santa e que foram para ella semana horrivel, veriamos evidentemente que a divina Providencia não deixa nada sem tormento nesse Coração que destinava a ser pyra onde ardesse a victima do sacrificio da innocencia. Não houve nenhuma paixão, nesse purissimo Coração que não tivesse particular tormento, porque si é o amor rei da cabeça de todas as paixões soffreu nessa pyra tal fogo de dôres que

era impossivel ser mais; foi martyrizado o amor innocentissimo e ardentissimo que tinha a Jesus seu Filho; e não só lhe privaram delle, senão que em sua propria presença houve de vel-o atormentado, doestado, calumniado e como remate a todo esse grande mal ainda condemnado como malfeitor e inimigo de Deus e da religião do povo escolhido; foi outrosim martyrizado o amor que tinha aos homens, por amor dos quaes soffria o que soffria; porque os mesmos homens pelos quaes soffria eram os que voluntariamente regeitavam seu amor armando-se de açoutes, de espinhos, de martellos para pregar na cruz o Deus que lhes queria dar amor, e fugir desse modo ao amor dessa pobre Mãe tão horrorosamente perseguida seus filhos inhumanos; soffria ainda em seu amor a si mesma; porque onde se dirigiam todas suas pretensões em acceitar tantos tormentos, senão a diminuir quanto possivel os tormentos de Jesus! e via ser pelo contrario, porque as dôres e tormentos do Coração de Maria cresciam em razão directa dos tormentos de Jesus, como que uns eram repercusões dos outros, como que eram os mesmos tormentos reflectidos, eram e echo das mesmas dôres.

Cousas da divina Providencia! No Coração de Maria não havia senão dôr, porque não havia mais que amor! Nos homens as paixões ajudam-se umas ás outras, e as contrarias diminuem os tristes effeitos das contrarias: o amor offendido converte-se em odio, e com a vingança fica enteiramente satisfeito o amor não correspondido. No Coração de Maria não ha outra paixão que o amor; Maria não pode odiar; não é ella a Mãe de Deus? *Deus charitas est*. Maria não pode vingar-se senão é com o amor; não pode desejar senão é o objecto de seu amor; não pode esperar senão o que ama, nem alegrar-se senão em Jesus e em sua felicidade e em sua gloria; assim como tambem não ha cousa triste para ella, nem cousa que a desespere, nem cousa de que fugir que não seja seu proprio amor, seu proprio Coração, onde está Jesus, onde vive por Jesus; e ahi nesse Coração foi a divina Providencia pôr todas as dôres e tormentos de Maria; ahi nesse Coração foi a divina Providencia concentrar todos os raios de sua divina justiça, delle fez o foco



de sua indignação. Oh! sim, cousas da divina Providencia!

As dôres de Maria nesses terriveis dias da Semana Santa e da Paixão de Christo foram horrorosas. Compara-as a Escripura ao mar; dizem os Santos que são o oceano da justiça de Deus por onde navegava a navezinha do Coração de Maria... E' mais que isso, Maria soffre por effeito da divina Providencia, soffre porque Deus quer, porque Deus pretende que soffra.

Oh! meçam-se, si fôr possível, a sabedoria, justiça e poder de Deus junctamente, e quem esses divinos attributos houver medido esse entenderá e conhecerá o que chamamos nós com o sympatico e triste nome de *Mater Dolorosa*.

São Paulo, 8 — IX — 08.



**Nossa Senhora das Dôres**

Venerada neste Santuario



## SEMANA SANTA



PROXIMARAM-SE os dias dos grandes mysterios.

O tempo no seu silencioso perpassar pelas humanas gerações, nos apresenta ainda este anno as horas em que o espirito humano forçosamente cohibido pelos ensinamentos da fé e da historia, se entrega á meditação e ao recolhimento.

Nestes dias augustos a consideração se impõe a todos; o cristão pensa na morte do Deus Redemptor, o filosofo no prégador da nova doutrina que estabeleceu um código de moral tão desconhecido e tão superior ao de todas as sociedades pagãs; o sociologo no legislador que elevou o nivel moral da mulher até fazel-a a companheira do homem e aboliu a escravidão pela consagração da fraternidade universal; os politicos no grande estadista que declarou anulada a lei antiga e com a fundação da Igreja abriu os profundos alicerces da lei nova; os conquistadores no reu sublime que morrendo numa cruz conquistou para si toda a terra.

Hoje todos meditam, porém as cogitações mais delicadas e consoladoras são para os desvalidos e desprotegidos da fortuna aos quaes Christo dedicou, com a melhor de suas bemaventuranças, o amor mais terno de seu divino coração. Soberana compensação que fará sempre invejavel a condição do pobre! Os pobres! Deus dispondo de suas immensas riquezas não teve outro berço que um presepio nem outro leito mortuario que os pregos e a cruz. Quem se queixará de ser pobre perante a pobreza de Christo?

Dias de meditação estes que o tempo nos offerece no seu silencioso perpassar! Meditemos.

Na mãe de todas as egrejas começaram já com as esplendidas solemnidades do costume as festas da semana de paixão.

Todos os annos revestem-se estas solemnidades em Roma de um que divino e



celestial que commove e punge dolorosamente as almas, como si realmente assistissemos ás scenas do tremendo drama do Calvario.

Este anno, porém, existe uma dupla circumstancia que dará a essas solemnidades uma nota mais dolorosa e empolgante.

Os romeiros e os peregrinos com sua presença material e os catholicos do mundo inteiro com a espiritual, assistiremos a esses lugubres actos em que as turbas desenfreadas não sómente bradam perante o pretorio; *crucifica o, crucifica-o!* mas querendo que o universo seja o auditorio dessa palavra gritam estorcendo-se no vertigo de sua loucura: *O Papa é intransigente, crucifiquemol-o! A Egreja é inimiga figadal do progresso, crucifiquemol-a!*

E quando nos officios divinos o representante de Cristo na terra, va demonstrando-nos misticamente os sanguinolentos episodios da sagrada paixão, essa representação mística desaparecerá para fazer-nos crêr que assistimos ao drama real em que a victima immolada será o augusto prisioneiro do Vaticano porque assim o exigem as turbas que rugem na França, porque assim o demandam as multidões que uivam perante as egrejas de Roma; porque assim o pedem as turbas de todo o mundo que vociferam subornadas pelo ouro judeu, como outr'ora vociferavam em Jerusalém: *soltæ a Barrabás e crucifiae a Cristo.*

Nestes dias solemnes o Pontifice vai tambem sahindo penosamente a encosta do Calvario. Jesus porém o ajuda e auxilia.

Como o meigo Nazareno, o Papa será tambem crucificado, ao ser porém levantado na cruz com os braços abertos abraçará o mundo que de novo virá refugiar se á sombra da arvore salvadora e a resurreição gloriosa virá completar a victoria definitiva sobre a impiedade.

O triunfo dos impios é efimero, porque a destrucção lhes dá coragem e é a morte de sua vida; a Egreja porém não morre porque é o autor de sua vida o Redemptor; e quem poderá matar a propria vida?

Dias da semana santa, dias de grandes mysterios e de profundas meditações! Nelles se representa o periodo mais agitado de todas as perseguições que necessariamente precedem á aurora sorridente da Paschoa.

Para que a resurreição não succedesse á morte seria necessario que o tempo fosse eterno e immutavel e se riscasse a eternidade de um Deus misericordioso.

E que poder tem o homem para fazer

eterno o que é infinito e dar fim ao que é eterno?

Que importam pois as machinações humanas contra a eternidade da Egreja si é Deus quem a sustenta e defende? Por ventura Deus tem decretado que desaparecesse logo que o homem blasfemasse e dissesse: «Não creio em ti?»

Dias de grandes mysterios!

Desde o principio do mundo o Eterno assiste do seu trono ao rapido passar das gerações arrastradas pela torrente de seus crimes. E as gerações passam e Elle fica em pé. E sua obra permanece inabalavel como os fundamentos de seu trono, porque nelle collocou toda a immensidade de seu amor, toda a infindade de seu poder, e o que vale immensamente mais — todo o sangue de seu Filho.

Poderão pois julgar-se vencedores porque arrastão a Jesus até o Calvario e o crucificam numa afrontosa arvore, a resurreição não demora, e então ao nome divino de Jesus todo nome curvará seu joelho, os que gozam no Céu, os que peregrinam sobre a terra e os que soffrem eternamente no inferno.



## Q DERRADEIRO PERDÃO

«Pae, perdoalhes, que não sabem o que fazem...»

LUC., XXIII, 34.

Na dor acerba do martirio extremo,  
Christo, na cruz, de sangue gottejante,  
Conserva no augustissimo semblante  
A serena expressão do amor supremo.

O populacho estúpido e blasphemo  
Ainda O insulta em tão solemne instante.  
E não respeita o justo agonizante,  
Na dor acerba do martirio extremo.

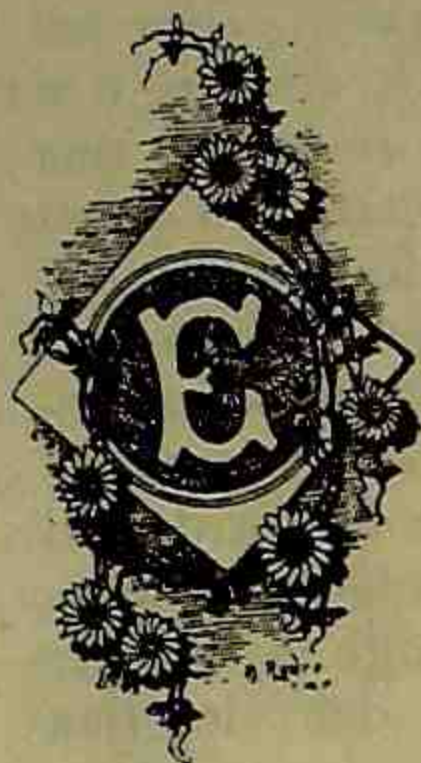
Mas de seus labios sacrosantos desce,  
Numa torrente de doçuras novas,  
O perdão, na humildade duma prece.

— O Martyr que os algozes abençoa,  
Si morrendo por nós, que és Deus nos provas  
Ainda o provas mais porque perdoas.

**Jonatás Serrano.**



## A Ceia e a Instituição do Santíssimo Sacramento.



RA a festa da Paschoa.

Toda a cidade rumorejava e resplandecia e, com os peregrinos que haviam chegado dos mais remotos confins, em caravanas alegres, carregados de offerendas para o Templo, as ruas estavam atupidas.

A todo o momento, a multidão alvoroçava-se a passagem de cavalleiros que traziam os ginetes em galope airoso, fazendo-os caracolar, ou ao apparecimento de altos dromedarios ricamente ajaezados, entre servos que hasteavam ascumas.

De instante a intante soavam bozinas, e roldas de legionarios passavam com fragor darmas, assustando os pastores reunidos nas viellas comendo gulosamente com as lanças encostadas aos muros.

Cantos e tangeres alaridos de vozes, applausos a mimicos e saltimbancos, roucos pregões, rolar de carros, tropear de cavalgadas faziam um fragor constante e quem, do viso de um outeiro, duma das torres, ou do alto do Templo fulgurante, lançasse o olhar em volta, levando-o ao longinquo, veria por toda a parte, flamejar de fogueiras, ascuas entre o arvoredado, lumes morticos nos valles, porque em toda a parte a Paschoa era celebrada. Ainda o mais miseravel leproso, juntando ramalho e versas, acoorava-se junto a chamma, á beira da lúra, cantando hymnos.

Jesus convocara os discipulos para a casa de Simão para, entre elles, cumprir o preceito mosaico. A' mesa, logo que encetaram o anho, elle, que parecia triste, murmurou em voz tão baixa que os convivas levantaram-se para ouvil-o:

—Desejei muito comer convosco esta Paschoa antes que padeça. Por que vos digo que não a comerei mais antes que ella se cumpra no reino de Deus. Tomou o pão, e, repartindo-o, offereceu-o aos discipulos: *Isto é meu corpo que por vós é dado, fazei isso em memoria de mim.* Ao fim da ceia, offerecendo o copo, disse: *Este copo é o novo Testamento do meu sangue, que é derramado por vós.*



**Nosso Senhor Bom Jesus**

Venerado neste Santuario.

Não comprehenderam os apóstolos taes palavras mysteriosas, que referendavam o acto de Melchisedech, rei de Salém, quando recebendo a Abrahão victorioso na sua tenda, depois do exterminio dos assoladores do deserto, offereceu o sacrificio do pão e do vinho, mais grato ao Altissimo do que a carne e sangue das rezes, que os holocaustos consumiam. Assim, remittindo o animal, Jesus tornava o culto verdadeiramente piedoso, excluindo do altar que é a mesa do Senhor, a macula do sangue.

Estava instituida a Eucharistia pela transubstanciação de Deus na hostia e no



vinho, symbolos das forças da vida: a carne e o sangue.

Assim feito, ergueu-se Jesus e, cingindo-se com uma toalha e fazendo vir uma vacia dagua, ajoelhou-se com humildade e pôz-se a lavar os pés aos discipulos que pasmavam mudos daquella desusada cerimonia.

Quando foi a vez de Simão Pedro disse-lhe o apostolo:

—Senhor, tú lavas-me os pés a mim? E respondeu Jesus:

—O que faço não sabes tú agora, mas o saberás depois. Negou-se obstinadamente o peccador:

Nunca me lavarás os pés. E o mestre com serenidade, retorquiu:

—Si eu te não lavar, não tens parte commigo.

—Senhor, não só os meus pés, mas tambem as mãos e a cabeça. Disse-lhe então Jesus:

—Aquelle que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais tudo está limpo, ora vós estaes limpos, porém nem todos.

Tornando á mesa disse em palavras commovidas:—Assim como me vistes proceder commosco, assim procedereis entre vós. Si aquelle a quem chamaes Senhor e Mestre não se julgou rebaixado lavando-vos os pés, vós o deveis imitar quando fôr opportuno.

Entre homens não ha senhor nem servos—são todos da mesma vergontea, guaios a todos a mesma luz. Por fim, arrancando um suspiro e com os olhos marejados, murmurou sentido:—Na verdade vos digo que um de vós me ha de trahir.

Alvorocaram-se os discipulos entreolhando-se e consultando-se com surpresa; e offendidos daquella insinuação, mas como Jesus guardasse reserva, foram a João e pediram-lhe que interrogasse o Mestre, e, obedecendo o apostolo mais amado, respondeu-lhe Jesus:

—E' aquelle a quem eu dér o bocado molhado—; e, embebendo um pouco de pão, deu-o a Judas de Kerioth, filho de Simão. a quem disse sem odio, antes com pena:

—O que fazes faze-o depressa.

Houve um instante de assombro no cenáculo e Judas comia sem sentir os olhos nelle fitos, lisongeados com a distincção do Mestre que, com aquella offerta o inculcava de traidor. Logo porém, como para dissipar o odio que se denunciava em todos os discipulos, Jesus reuniu-os e pôz-se a praticar

com elles com tanta affabilidade que a paz reentrou nos animos, e todos quietos, attentos, ficaram a ouvir-o.

Lá fóra crescia o borborinho prometendo entrar pela noite adiante. Mais rubros flammejavam os lumaréos, mais retumbava a atroadada. E a cidade accessa, com espadanantes fogueiras sobre os eirados e a claridade batendo nos muros, reluzindo nas folhas, rebrilhando nos aguaçoes e o povo açodado indo e vindo, correndo, apinhando-se ás portas, turbilhando nas praças e no monte, o Templo com todas as tripodas accessas lançando aos ares rolos grossos de fumo, dava a impressão de estar ardendo em incendio, com toda a população sobresaltada em aturdida agonia, fugindo ao ex-cidio, como nos dias tragicos das victorias do assyrio e do romano.

E Jesus annunciou, em palavras serenas, o seu proximo fim. Pedro levantou-se de impeto e, avançando assomado disse:

—Senhor, estou prompto a ir commigo até a prisão e á morte. Sorriu Jesus e, depois de o encarar enternecido, respondeu:

—Pedro, não cantarás hoje o gallo antes que tres vezes negues que me conheces. Quiz o apostolo retrucar, mas Jesus conteve-o com um movimento placido.

Não fosse elle Deus, não veria através da face, como se vê através da agua rasa e limpida de uma fonte serena. Toda a fraqueza do coração do homem alli se demostrou.

Ai! de ti, pescador, tinhas amor demasiado á vida. Demandavas o céu como fronte da arvore, mas nem tão viva era a tua fé que despregasses as raizes da terra por amor de Deus. O teu impulso foi de generosidade, o teu arranque foi uma investida da alma, mas o corpo havia de pesar-te na hora do arrebatamento.

O egoismo é ancora que nos prende á vasa.

Sente o marujo da náu abrigada que outros se debatem em vagalhões roleiros, o instincto leva-o a acudir, tanto, porém, que o mar se acapella de encontro ao batel em que vae affrontando a levadia logo vira de bordo, surdo ao clamor dos miseros.

Eras homem, Pedro—mais do que ao Mestre presavas a ti proprio.

Ergueu-se Jesus e, seguido dos discipulos, tomou pelos caminhos mais desertos da cidade, dirigindo-se a Gethsemani, a collina dos lagares de azeite, entre olivaes frandosos.



# 21 Flagellação



A epopéa sublime, que a igreja commemora nesta semana de dores, resalta como uma das scenas mais commoventes a da Flagellação de Jesus.

O timorato Poncio Pilatos, governador romano da Judéa, impotente para conter a furia infernal do povo contra a pessoa augusta de Jesus, cuja innocencia reconhecia, julgou entre, a declaração formal da sua innocencia e a sua final condemnação, achar um meio termo que bastou para lançar sobre a sua memoria o mais hediondo estigma.

E para vêr se poupava a morte do justo ordenou que o castigassem asperamente, acreditando com semelhante punição se dariam por satisfeitos os inimigos de Christo.

E, segundo dizem, e relata Monsenhor Pinto de Campos, a cuja magnifica obra *Jerusalém*, nos reportamos, lavrou a seguinte infame sentença :

« Daqui, atai e açoitai com varas a Jesus de Nazareth, por sedicioso e desprezador da lei de Moysés e accusado pelos sacerdotes e Principes da nação. Lictor, vae e entrega as varas. »

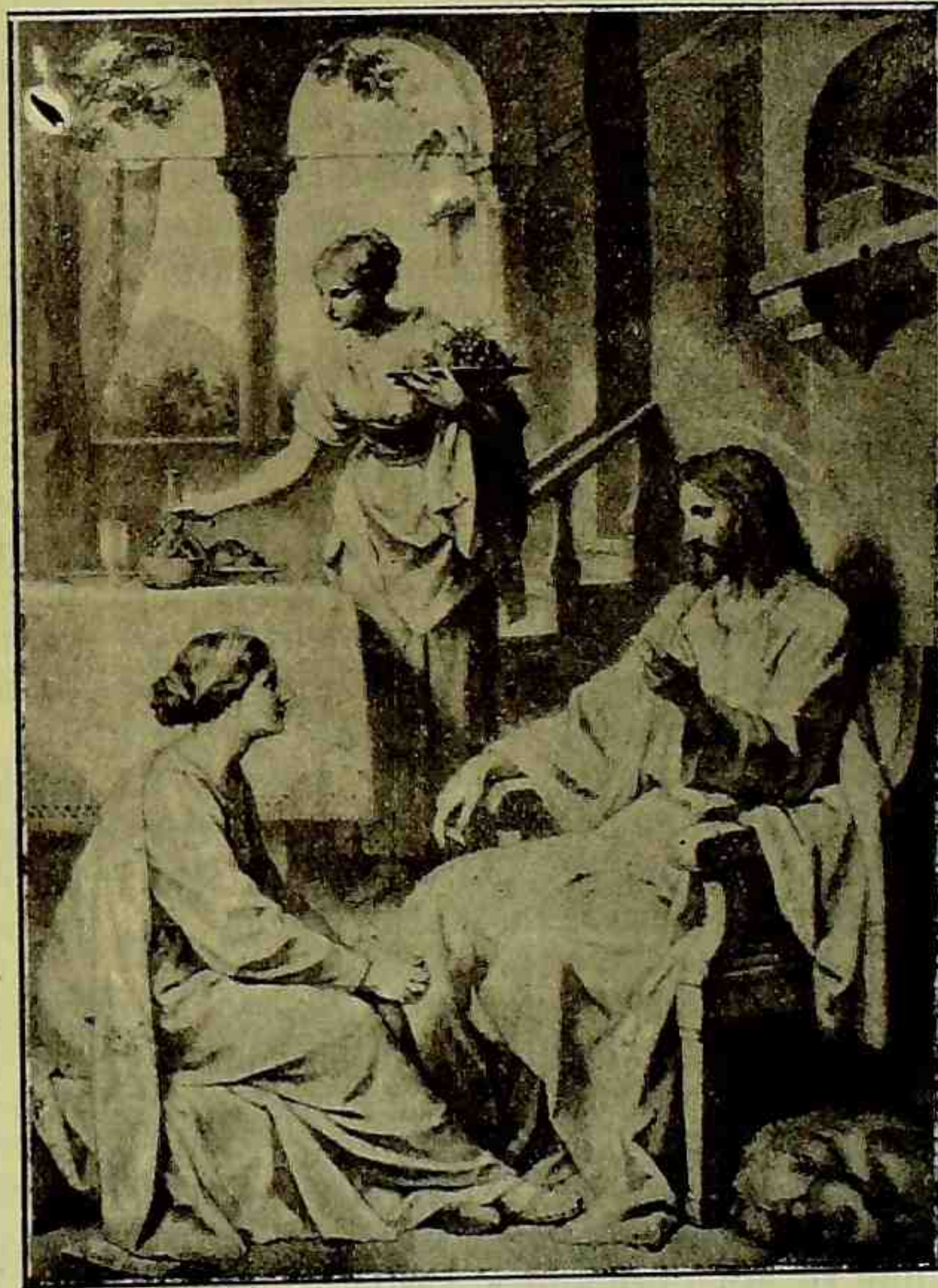
Era mais uma das muitas monstruosidades que desde o principio incavam este inaudito processo, pois a disposição da lei para semelhantes casos, segundo o Deuteronomio (XXV) dizia :

« Se os juizes acharem que o delinquente deva ser açoitado ordenarão que o lancem por terra, e que os golpes sejam brandidos em sua presença. Bem entendido que se regulará o numero dos açoites pela qualidade da culpa, comtanto que elles não passem de quarenta, para que o vosso irmão não vá miseravelmente dilacerado diante dos vossos. »

E os executores da monstruosa sentença excederam em barbaridade á furia do povo amotinado que extravassava, na rua, todo o seu odio contra a Divina Victima.

Os mais abalisados escriptores catholicos têm procurado descrever todo o horror desse quadro lancinante; mais eloquente, porém, é pela sua simplicidade encantadora a narração da Santissima Virgem nas suas *Revelações* á Santa Brigida.

A igreja não considera ainda este livro como canonico, mas o concilio de Basilea e os Papas Gregorio XI e Urbano VI



Jesus em casa de Santa Maria Magdalena e de Santa Marta, irmãs de São Lazaro



após detido exame, declararam que taes revelações privadas, nada contém de contrario á fé e podem, com proveito, ser lidas pelos christãos.

Além disso, a frequencia com que graves escriptores ecclesiasticos dellas se servem e o facto de estarem de plena conformidade com o Evangelho e as Tradições, autorisam essa citação.

Eis a commovente narração da Santissima Virgem, que, segundo uma tradição, chegara ao pretorio na hora em que era lida a terrivel sentença:

« Depois que se apartou de mim no cenaculo, só o tornei a ver quando o levavam para os açoites, e eu pude, sem morrer, presenciar a scena tremenda em que meu Filho era immaculada victima. Alli estava elle rodeiado de algozes enfurecidos, sem um só rosto amigo em que pudesse pôr os olhos de afflicção ou confortar-se com alheia sympathia.

Eil-o attonito dos alaridos com que atroam os ares e forçado a despir as vestes, começando o seu tormento pela vergonha de ser desnudado aos olhos dos homens; depois abraçou-se voluntariamente a columna a que os impios o ataram; depois..... (e eu vivia ainda!) depois trouxeram varas e azorragues ponteagudos; descarregaram-lhe os primeiros golpes com esses instrumentos de infamia e de dôr; e pois, aquelles golpes eram vibrados sobre a querida carne, de minha carne sobre o querido sangue do meu sangue, quasi cahi desfallecida. Augmentava o terror dos meus sentidos entorpecidos o entreouvir pancadas reiteradas, mas que ne-nhum gemido acompanhava.

Quando voltei a mim que vi eu?! Um corpo já quasi informe, retalhado e chagado por tal arte, que as carnes tinham desaparecido pegadas ao ferro dos azorragues e os ossos estavam a nú.

Meu Filho, meu divino Filho escorria em sangue, e já no corpo não tinha lugar para novas feridas; era nas chagas que os barbaros abriam chagas. Afinal, disse um dos algozes; «Cuidado! que a sentença do governador só manda que o açoitemos e com poucos golpes mais estará morto.»

Esse mesmo soldado chegou á columna e cortou as ataduras, e tornou meu Filho a vestir-se, e tão pouco tempo lhe deram que se viu obrigado a vestir-se andando.

Onde punha as plantas ficava o chão impregnado de sangue e por elle conheci eu as suas pisadas.»

## Jesus na Cruz

Mestre Antonio, o ferreiro da villa, está furioso.

Já ha dez dias que os padres missionarios prégam, e principalmente durante os sermões, na tenda de mestre Antonio o martello não cessava de se fazer ouvir.

Era um barulho infernal. Quando a multidão sahia do templo, cessava a luta do trabalho; o mestre vinha caçoar com os visinhos, dizendo:

— Eu, por mim, não me confesso, não sou bobo para ir me ajoelhar aos pés de um homem como eu e contar peccados.

Quasi todo o povo se tinha confessado; mestre Antonio, porém, estava inflexivel.

A missão ia terminar; no dia seguinte os missionarios seguiam para outra freguezia.

Um dos padres missionarios tinha um pobre crucifixo de metal, lembrança de sua mãe. Um dos braços do Christo despregasse da cruz e nosso missionario teve a idéa, não havendo ourives na villa, de procurar mestre Antonio.

— Senhor, diz elle entrando na tenda, me disseram que V. é um habil official. Podia me fazer a caridade de concertar esta imagem que eu muito estimo, visto ser uma lembrança de familia?

— Sim, reverendo, posso concertar o crucifixo.

O padre diz-lhe adeus e parte, deixando a imagem.

Esse dia, a tarde, durante o sermão, o povo notou que o martello do mestre estava no descanso. Um grande silencio na officina!

No dia seguinte, as 4 horas da madrugada, o mestre enfiou-se pelo meio do povo e foi ouvir o sermão. A's cinco horas, o padre, após a pratica, veio tomar os paramentos para dizer missa.

— Meu padre, diz-lhe o mestre, eis aqui sua imagem.

O missionario recebe a imagem e a acha perfeita.

— Quanto lhe devo, perguntou elle?

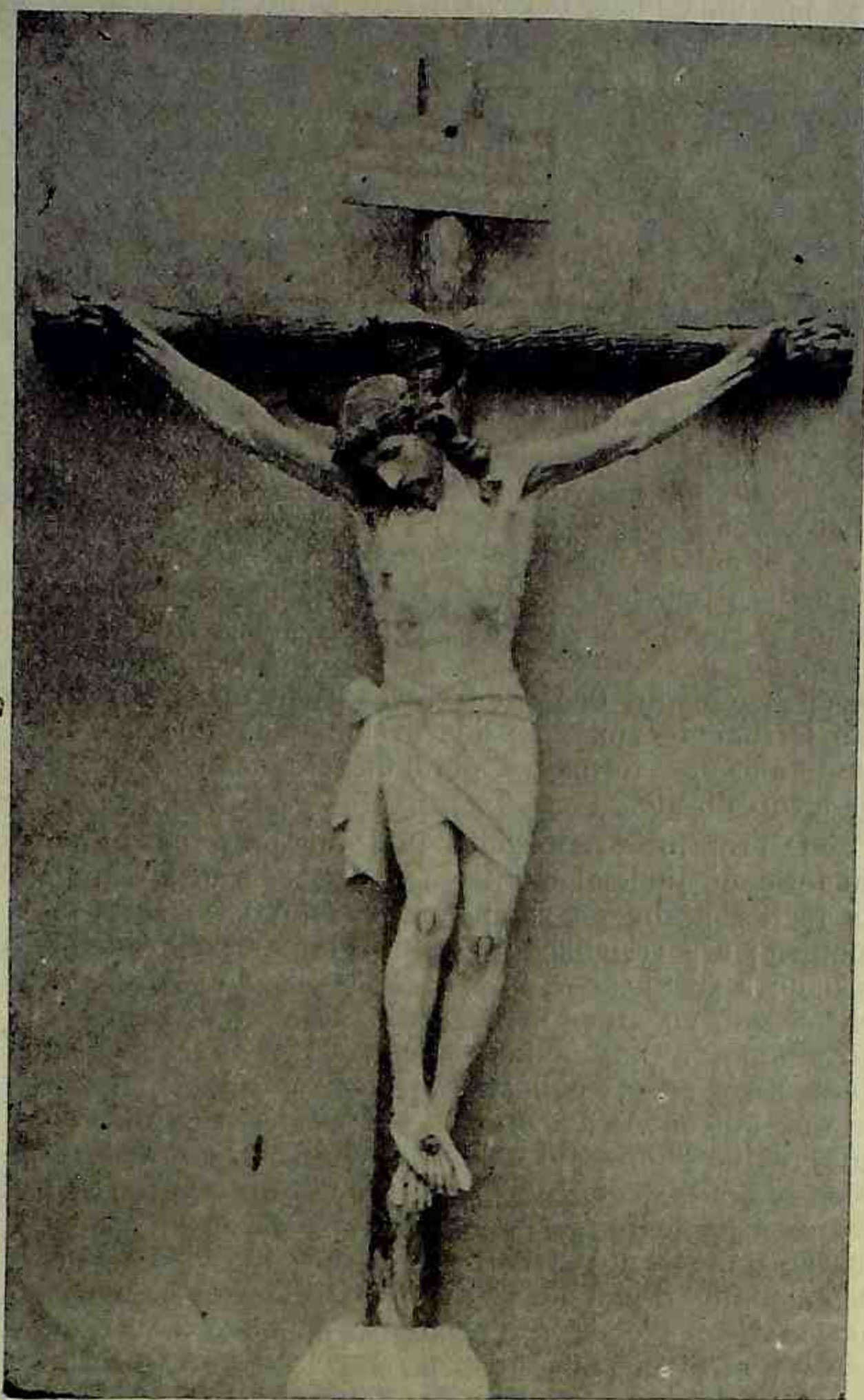
— Nada, meu padre, só lhe peço duas palavras em particular.

O sacerdote entra com elle para um compartimento fechado na sacristia.

— Meu padre, disse elle, cahindo de joelhos, quero me confessar.

O padre estava estupefacto, pois tinha





## Nosso Senhor Crucificado

Venerado neste Santuario

ouvido fallar nas más disposições do mestre.

— Com mil prazeres meu irmão, disse elle abrazando-o, mas quem lhe inspirou esse santo desejo?

— Ah! meu padre! quando eu tomei essa imagem nas mãos comecei a tremer. Parecia-me ouvir uma voz me dizer: «Meu filho entra em ti; soffri muito por tua alma!» Ha quarenta annos, meu padre, que não choro, desde a noite fatal em que perdi minha companheira; hontem, porém, chorei e derramei muitas lagrimas aos pés de meu Salvador. Eu tenho muito crime, muita miseria, mas visto que o Bom Jesus morreu por mim elle me perdoará.

O missionario tinha os olhos razos de lagrimas.

Elle apertou o mestre de encontro ao peito e ouviu-lhe a confissão. Era o filho prodigo que vinha tomar parte no banquete divino. Quando foi dizer a missa o povo

notou que elle tinha o rosto radiante e o ferreiro se sentia leve como uma penna.

Estava tão contente que chorava de alegria.

D'ahi em diante, mestre Antonio tornou-se o melhor homem da villa, e os meninos, quando faziam travessura em casa, iam se apadrinhar com elle, porque sabiam que uma palavra do ferreiro desarmava a ira dos pais.

## Coroação de espinhos

Mal tinha acabado de soffrer a barbaridade da flagellação, foi Jesus conduzido ao atrio do pretorio para onde correu toda a turba amotinada.

Ahi começou então outra scena ainda mais ignobil de escarneos, affrontas e ignominias.

Mandaram sentar Jesus em uma pedra dizendo-lhe que por ser rei, subisse a um condigno throno e que devendo todo rei ter um diadema iam cingir-lhe a fronte.

E teceram com as vergontas de um arbusto espinhoso uma corôa, cujos espinhos lhe cravaram na cabeça.

Continuando o ignobil motejo, acrescentavam:

—O nosso rei já tem um throno, já tem corôa, mas ainda falta o regio manto; vistamos-lhe a purpura.

E sobre os hombros lhe conchegaram um vermelho farrapo ao som de infernaes gargalhadas.

—Ainda falta uma cousa, disse um dos desalmados, ainda falta o sceptro.

E no meio de estrepitosa galhofa obrigaram o Redemptor a empunhar uma canna verde, repetindo aquelles cortezaos de Satanaz todas as ceremonias aulicas, com inexcusavel ironia comica, dizendo:

—Eu te saúdo, ó Rei dos Judeus! E davam-lhe uma bofetada.

— Gloria a ti, soberano Senhor! E lhe escarravam nas faces.

—Honra ao teu feliz reinado!

E arrancando-lhe a canna, lhe fustigavam rudemente a cabeça; e acto continuo, curvavam-se; dobravam o joelho e diziam adoral o.

Essa ignominiosa scena, que teve a duração bastante para fazer a Augusta Victima soffrer as mais cruciantes dôres phisicas e experimentar a maior amargura pela ingratição dos que o cercavam, cheios de



ódio e sedentos de sangue, só terminou com a chegada de Pilatos, que tentando, na sua criminosa fraqueza, salvar o Redemptor, de cuja innocencia estava convencido, levou-o para uma galeria exterior do pretorio, de onde o apresentou á turba ululante, com as palavras *Ecce homo!* pelas quaes ficou assignalada no novo testamento essa pagina lancinante do martyrio de Christo.

A corôa de que se serviram para cingir a fronte de Jesus foi dividida entre as egrejas de Jerusalém e de Constantinopla, em época que não se póde precisar.

E' certo, porém, que antes do XII século acreditava-se que parte della se conservava em Constantinopla, na capella dos Imperadores, e parte na capella do Santo sepulchro em Jerusalém.

Foi em 1238 que Balduino II, Imperador de Constantinopla, que era francez, fez doação da parte que se guardava na capella dos Imperadores gregos a S. Luiz e á sua patria.

O rei S. Luiz acceitou essa dadiva com o enlevamento de uma piedade tão terna, quão solida e generosa e tratou, desde logo, de guardar com todo o cuidado esse precioso deposito.

A 11 de Agosto de 1239 a santa reliquia chegou a Sens e oito dias depois a Paris.

O Rei S. Luiz e seu irmão Roberto, conde de Artois, ambos descalços, tomaram-na sobre seus hombros e a levaram, seguidos de enorme multidão, para a cathedral, em cuja capella do palacio, a capella santa, foi a respectiva caixa collocada, depois da competente cerimonia religiosa...

## O Justo e a justiça politica

Para os que vivemos a prégar á Republica o culto da justiça como o supremo elemento preservativo do regimen, a historia da Paixão, que hoje se consumma, é como que a interferencia do testemunho de Deus no nosso curso de educação constitucional. O quadro da ruina moral daquelle mundo parece condensar-se no espectáculo da sua justiça, degenerada, invadida pela politica, joguete da multidão, escrava do Cesar. Por seis julgamentos passou Christo, tres ás mãos dos judeus, tres ás dos romanos, e em nenhum teve um juiz. Aos olhos de seus julgadores refulgiu successivamente a innocencia divina, e nenhum ousou estender-lhe a protecção da toga. Não ha tribunaes que bastem para abrigar o direito quando o dever se ausenta da consciencia dos magistrados.

Grande era, entretanto, nas tradições hebraicas, a noção da divindade do papel da magistratura. Ensinam ellas que uma sentença contraria á verdade afastava do seio de Israel a presença do Senhor, mas que, sentenciando com inteireza, quando fosse ape-

nas por uma hora, obrava o juiz como se creasse o universo, porquanto era na função de julgar que tinha a sua habitação entre os israelitas a majestade divina. Tão pouco valem, porém, leis e livros sagrados, quando o homem lhes perde o sentimento, que exactamente no processo do justo por excellencia, daquelle em cuja memoria todas as gerações até hoje adoram por excellencia o justo, não houve no código de Israel norma que escapasse á prevaricação dos seus magistrados.

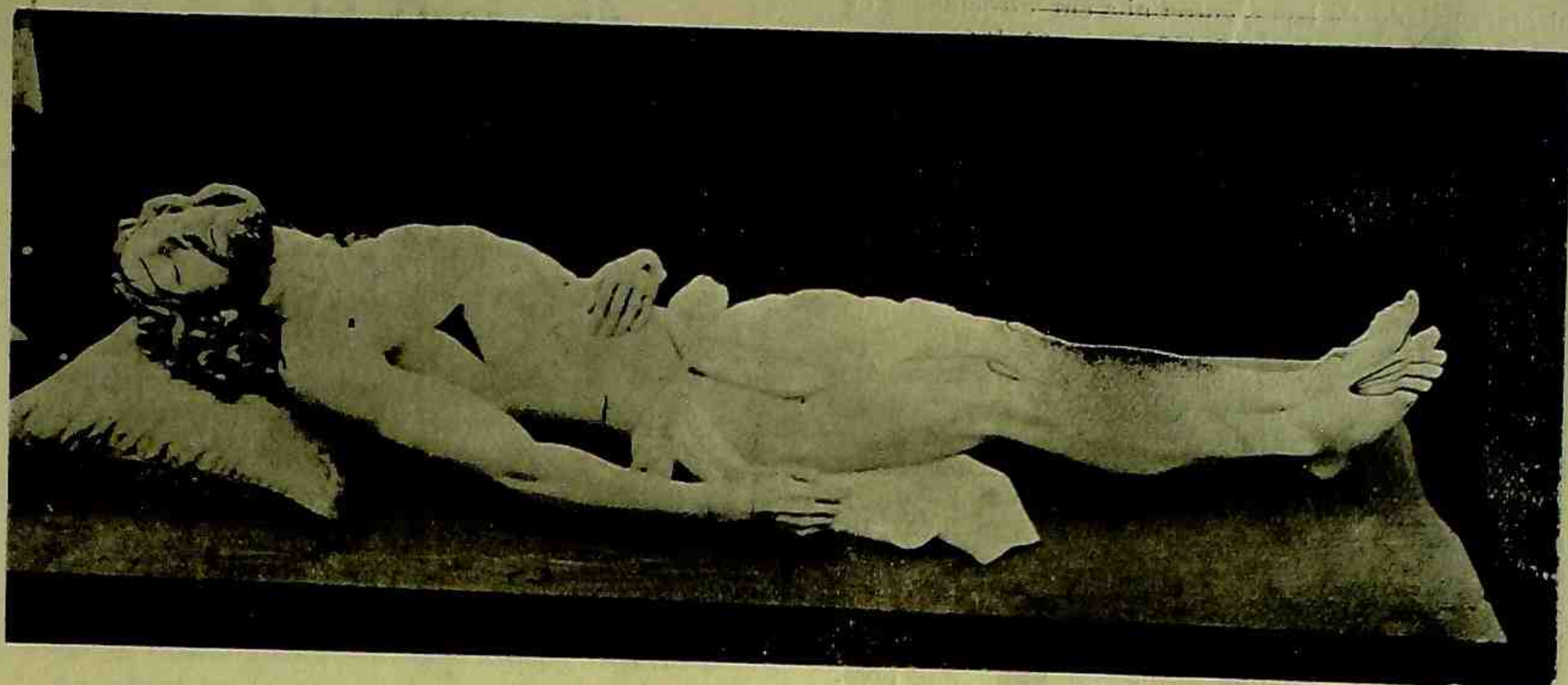
No julgamento instituido contra Jesus, desde a prisão, uma hora talvez antes da meia noite de quinta-feira, tudo quanto se fez até o primeiro alvorecer da sexta-feira subsequente foi tumultuario, extra-judicial, e attentatorio dos preceitos hebraicos. A terceira phase, a inquirição perante o synhedrim, foi o primeiro simulacro de fórma judicial, o primeiro acto judicatorio que apresentou alguma apparencia de legalidade, porque ao menos se practicou de dia. Desde então, por um exemplo que desafia a eternidade, recebeu a maior das consagrações o dogma juridico, tão facilmente violado pelos despotismos, que faz da santidade das fórmas a garantia essencial da santidade do direito.

O proprio Christo dellas não quiz prescindir. Sem auctoridade judicial o interroga Annás, transgredindo as regras, assim na competencia como na maneira de inquirir; e a resignação de Jesus ao martyrio não se resigna a justificar-se fóra da lei: «Tenho falado publicamente ao mundo. Sempre ensinei na synagoga e no templo, a que affluem todos os judeus, e nunca disse nada ás occultas. Porque me interrogas? Inquire dos que ouviam o que lhes falei: esses sabem o que eu lhes houver dito». Era o appello ás instituições hebraicas, que não admittiam tribunaes singulares, nem testemunhas singulares. O accusado tinha jus ao julgamento colectivo, e sem pluralidade nos depoimentos criminosos não podia haver condemnação. O apostolado de Jesus era ao povo. Se a sua prédica incorria em crime, deviam pullular os testemunhos directos. Esse era o terreno juridico. Mas, porque o filho de Deus chamou a elle os seus juizes, logo o esbofetearam. Era insolencia responder assim ao pontifice, *sic respondes pontifici?* Sim, revidou Christo, firmando-se no ponto de vista legal; «se mal falei, traze o testemunho do mal: se bem, porque me bates?»

Annás, desorientado, remette o preso a Caiphás. Este era o summo sacerdote do anno. Mas, ainda assim, não tinha a jurisdicção, que era privativa do conselho supremo. Perante este, já muito antes descobrira o genro de Annás a sua perversidade politica, aconselhando a morte de Jesus, *para salvar a nação*. Cabe-lhe agora levar a effeito a sua propria malignidade, «cujo resultado foi a perdição do povo, que elle figurava salvar, e a salvação do mundo, em que jamais pensou».

A illegalidade do julgamento nocturno, que o direito judaico não admittia nem nos litigios civis, agrava-se, então, com o escandalo das testemunhas falsas, alliciadas pelo proprio juiz que, na jurisprudencia daquelle povo, era especialmente instituido como o primeiro protector do réo. Mas, por mais falsos testemunhos que promovessem, lhe não acharam a culpa que buscavam. Jesus calava, *Jesus autem tacebat*. Vão perder os juizes prevaricadores a segunda partida, quando a astucia do summo sacerdote lhes suggere o meio de abrir os labios divinos do accusado. Adjura-o Caiphás, em nome de Deus vivo a cuja invocação o filho não podia resistir. E deante da verdade, provocada, intimada, obrigada a se confessar, aquelle que a não negara, vê-se declarar culpado





## Nosso Senhor morto (Venerado neste Santuario),

do crime capital; *Reus est mortis*. « Blasphemou! Que necessidade temos mais de testemunhas? Ouviste a blasphemia ». Ao que clamaram os circunstantes: « E' réo de morte! »

Repontava a manhã quando, á sua primeira claridade, se congrega o synhedrim. Era o plenário que se ia celebrar. Reunira-se o conselho inteiro. *In universo concilio*, diz **S. Marcos**. Deste modo se dava a primeira satisfação ás garantias judiciaes. Com o raiar do dia se observava a condição da publicidade. Com a deliberação da assembléa judicial, o requisito da competencia. Era essa a occasião juridica. Esses eram os juizes legaes. Mas juizes que tinham comprado testemunhas contra o réo, não podiam representar senão hypocrisia da justiça. Estavam mancomunados para condemnar, deixando ao mundo o exemplo, tantas vezes depois imitado até hoje, desses tribunaes que se conchavam de vespera nas trevas, para simular mais tarde, na assentada publica, a figura official do julgamento.

Sahia **Christo**, pois, naturalmente condemnado pela terceira vez. Mas o synhedrim não tinha o *jus sanguinis*, não podia pronunciar a pena de morte. Era uma especie de jury, cujo *veredictum*, porém, antes opinião juridica do que julgado, não obrigava os juizes romanos. **Pilatós** estava, portanto, de mãos livres para condemnar ou absolver. « Que accusação trazeis contra este homem? » Assim fala por sua bocca a justiça do povo, cuja sabedoria juridica ainda hoje rege a terra civilizada. « Se não fosse um malfeitor, não t'o teriamos trazido », foi a insolente resposta dos algozes togados. **Pilatós**, não querendo ser executor num processo de que não conhecera, pretende evitar a difficuldade, entregando-lhes a victima:

« Tomae-o e julgae-o segundo a vossa lei ». Mas, replicam os judeus, bem sabes que « nos não é licito dar a morte a ninguem ». O fim é a morte, e sem a morte não se contenta a depravada justiça dos perseguidores.

Aqui já o libello se trocou. Não é mais de blasphemia contra a lei sagrada que se trata, senão de attentado contra a lei politica. **Jesus** já não é o impostor que se inculca filho de **Deus**; é o conspirador, que se corôa rei de Judéa. A resposta de **Christo** frustra ainda uma vez, porém, a manha dos calumniado-

res. Seu reino não era deste mundo. Não ameaçava, pois, a segurança das instituições nacionaes, nem a instabilidade da conquista romana. « Ao mundo vim », diz elle, « para dar testemunho da verdade. Todo aquelle que fôr da verdade ha de escutar a minha voz ». A verdade? Mas, « que é a verdade? » pergunta, definindo-se, o cynismo de **Pilatós**. Não cria na verdade; mas a da innocencia de **Christo** penetrava irresistivelmente até o fundo sinistro dessas almas, onde reina o poder absoluto das trevas. « Não acho delicto a este homem », disse o procurador romano, sahindo outra vez ao meio dos judeus.

Devia estar salvo o innocente. Não estava. A *opinião publica* faz questão da sua victima; **Jesus** tinha agitado o povo, não alli só, no territorio de **Pilatós**, mas desde *Galiléa*. Ora acontecia achar-se presente em Jerusalém o tetrarcha da Galiléa, **Herodes Antipas**, com quem estava de relações cortadas o governador da Judéa. Excellente occasião, para **Pilatós**, de lhe rehavere a amizade, pondo-se, ao mesmo tempo, de boa avença com a multidão inflammada pelos principes dos sacerdotes. Galiléa era o *forum originis* do Nazareno. **Pilatós** envia o réo a **Herodes**, lisonjeando-lhe com essa homenagem a vaidade. Desde aquelle dia, um e outro se fizeram amigos, de inimigos que eram. *Et facti sunt amici Herodes et Pilatus in ipsa die; nam antea inimici erant ad invicem*. Assim se reconciliam os tyrannos sobre os despojos da justiça.

Mas **Herodes** também não encontra por onde condemnar a **Jesus**, e o martyr volta sem sentença de **Herodes** a **Pilatós**, que reitera ao povo o testemunho da intemerata pureza do justo. Era a terceira vez que a magistratura romana a proclamava. *Nullam causam invenio in homine isto ex his in quibus eum accusatis*. O clamor da turba recrudesce. Mas **Pilatós** não se desdiz. Da sua bocca irrompe a quarta defesa de **Jesus**: « *Que mal fez elle? Quid nim mali fecit iste?* » Cresce o conflicto, acastellam-se as ondas populares. Então, o proconsul lhes pergunta ainda: « Crucificareis o vosso rei? » A resposta da multidão em grita foi o raio, que desarmou as evasivas de **Pilatós**: « Não conhecemos outro rei senão *Cesar* ». A esta palavra o espectro de **Tiberio** se ergueu no fundo da alma do governador da provincia romana. O monstro da Capréa, trahido, consumido pela febre, crivado de



ulceras, gafado de lepra, entretinha em atrocidades os seus ultimos dias. Trazil-o era perder-se. Incurrer perante elle na simples suspeita de infidelidade era morrer. O escravo de Cesar, apavorado, cedeu, lavando as mãos em presença do povo: «Sou innocente do sangue deste justo».

E entregou-o aos crucificadores. Eis como procede a justiça que se não compromette. A historia premiou dignamente esse modelo da suprema cobardia na justiça. Foi justamente sobre a cabeça do pusillanime que recahiu antes de tudo em perpetua infamia o sangue do justo.

De **Annás** a **Herodes**, o julgamento de **Christo** é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. A sua fraqueza, a sua inconsciencia, a sua perversão moral crucificaram o Salvador, e continuam a crucifical-o ainda hoje, nos imperios e nas republicas, de cada vez que um tribunal sophisma, tergiversa, recua, abdica. Foi como agitador do povo e subversor das instituições que se immolou **Jesus**. E, de cada vez que ha precisão de sacrificar um amigo do direito, um advogado da verdade, um protector dos indefesos, um apostolo de idéas generosas, um confessor da lei, um educador do povo, é esse, *a ord. m publica*, o pretexto, que renasce, para esculpar as transacções dos juizes tibios com os interesses do poder. Todos esses acreditam, como **Poncio**, salvar-se, lavando as mãos do sangue, que vão derramar, do attentado, que vão commetter. Medo, venalidade, paixão partidaria, respeito pessoal, subserviencia, espirito conservador, interpretação restrictiva, razão de Estado, interesse supremo, como quer te chames, prevaricação judiciaria, não escaparás ao ferrete de **Pilatos**! O bom ladrão salvou-se. Mas não ha salvação para o juiz cobarde.

RUY BARBOSA.



### A Christo crucificado

A vós correndo vou, braços sagrados,  
Nessa cruz sacrosanta descobertos,  
Que para receber-me estaes abertos  
E p'ra não castigar-me estaes cravados.

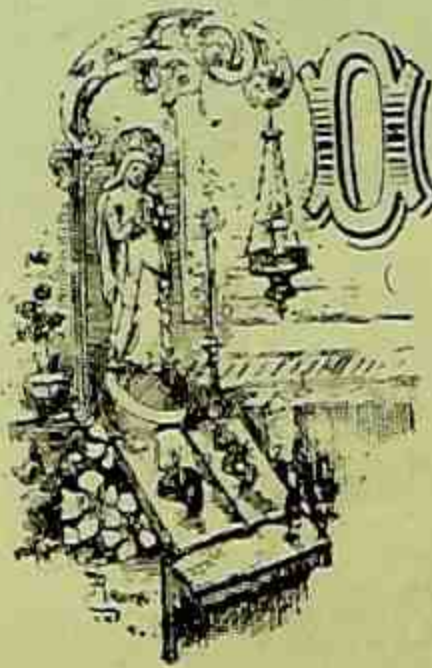
A vós, olhos divinos eclipsados  
De tanto sangue e lagrimas cobertos,  
Que para perdoar-me estaes dispertos  
E para não devasar-me estaes fechados.

A vós, pregados pés p'ra não fugir-me,  
A vós cabeça baixa p'ra chamar-me,  
A vós, sangue vertido para ungir-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,  
A vós, cravos preciosos, quero atar-me  
Para ficar unido, atado e firme.

P. MANUEL DA NOBREGA  
(à hora da morte).

## A CRUZ



BSCURECIDA a humanidade pelos eiros de uma philosophia atheista, envolta no immenso tremedal da sensualidade revoltante, avançou a passos agigantados para o abysmo de todas as paixões degradantes.

Gangrenada pelas ondas assoladoras do egoismo, adormeceu nos braços do crime qual immensa Sodoma ou Gomorrha....

Foi um somno prolongado como o do cadaver que tem a existencia chumbada no seio de marmore pela mão da morte.

Mas, de repente, a humanidade acordou desse somno lethargico

Do alto do Calvario, partiu medonha convulsão, immenso fragor, que fez gemer em seus eixos este continente de lagrimas.

As rochas do Golgota fizeram-se em pedaços e rolaram sobre as muralhas da cidade de Jerusalém; e, ao seu fragor, levantou-se a humanidade, rasgou o sudario de morte que a cobria, olhou para o alto do monte dos suppliciados, e, cheia de espanto, viu uma cruz arvorada de cujos braços pendia um condemnado á morte...

Clarões sinistros envolviam então a montanha das caveiras; mortos, envoltos em algidos sudarios, cercam o patibulo de onde pende o Justo...

Um cantico unisono irrompeu desses labios mudos, havia seculos, no valle de Josaphat.

Saudaram a cruz! saudaram o glorioso porvir da sociedade.

Passaram-se seculos. Gerações succederam a gerações e todas ellas se têm ajoelhado diante do Calvario e saudado a cruz.

Ao sahir do cenaculo, Pedro e os demais apostolos saudam a cruz, e á sombra de seus braços beneficos convertem-se milhares de judeus.

Nas cavernas soturnas das catacumbas, os christãos saudaram a cruz e á sua sombra acharam conforto na dôr.

Ao entrar no Colyseu, o martyr saudava a cruz, sombra della morria o martyr com o sorriso nos labios.

Saudaram a cruz os Reis, os Imperadores e as grandes sociedades.





### Nossa Senhora da Piedade

Venerada neste Santuario

Fecundados pelo seu amor, avançaram impavidos no caminho da civilização.

Hoje, que importa a cruz, esse pharol de amor e paz?

Ninguém a saúda, sosinha, isolada com o divino suppliciado de seus braços ella vive, arvore redemptora, ahi no meio dessa sociedade de descrentes.

Apagou-se no lar o amor porque a cruz não refulge ahi.

Apagou-se o amor na sociedade e deu lugar ao egoismo brutal, porque a cruz foi destroçada e feita em pedaços; e por isso as gerações não têm um symbolo em torno do qual se possam reunir fraternalmente.

Restabelecei o amor á cruz na sociedade egoista dos seculos de hoje e vereis florescer as virtudes dos seculos que foram.

## Solemniſsimas funcções de Semana Santa

No Santuario do Imdo. Coração de Maria.

Como nos annos anteriores, neste Santuario serão celebradas com a majestade e pompa que exige a sagrada liturgia as augustas solemniſnades da Semana Santa.

**Retiro dos homens.**—Do dia 11 até o 16, o rymo. P. Eusebio Sacristán pregará todes as noites um retiro aos homens que constará de recitação do Terço, via-sacra solemne com a imagem de Nosso Senhor dos Passos e conferencia.

**Domingo de Ramos.**—A's 8 e 1½ horas da manhã començará a bençã e distribuição das Palmas. Finda a cerimonia, entrará a missa cantada; tres sacerdotes cantarão a Paixão.

A's 6 horas da noite, os actos do retiro como no dia anterior.

**Quinta feira Santa.**—A missa solemne será ás 9 horas distribuindo-se nella a communhão geral. Depois procissão com o Smo. a quem farão a guarda de honra no monumento, os archiconfrades previamente designados.

A's 2 horas da tarde, cerimonia do Lavapés e sermão do mandato; ás 5 horas, solemne officio de Trevas; e ás 7 sermão da Instituição do Santissimo Sacramento precedido de motetes religiosos.

**Sexta feira Santa.**—A missa chamada dos Presantificados será ás 8 horas da manhã. Ao meio dia començará o tocantissimo exercicio das Tres horas de agonia com sermão das Sete Palavras, cantando-se nos intermedios canticos appropriados a tão augustas ceremonias. As 6 ½ da tarde, Via Sacra e sermão.

No Sabbado e Domingo celebrar-se-ão todas as ceremonias proprias desses dias.



## As sete palavras

Em algumas igrejas commemora-se hoje a morte de Jesus-Christo com officio das *Tres Horas da Agonia*, ou sermões das *Sete Palavras* proferidas da Cruz que foram as seguintes:

1.<sup>a</sup>) *Pater, dimitte illis non enim sciunt quid faciunt.* (S. Lucas XXIII, 34) — Meu Pae, perdoae-lhes porque não sabem o que fazem.

2.<sup>a</sup>) *Amen dico tibi: hodie mecum eris in paradiso.* (S. Lucas XXIII 43) — Em verdade (dirigindo-se ao bom ladrão) te digo: hoje estarás commigo no paraiso.

3.<sup>a</sup>) *Mulier, ecce filius tuus. Ecce Mater tua.* (S. João XIX 26 e 27 — Mulher (a Nossa Senhora)) eis o teu filho; (e a São João) eis tua Mãe.

4.<sup>a</sup>) *Eli, Eli, lamina Sabachthani?* (São Matheus XXVII 46) — Meu Deus, meu Deus; porque me abandonaste?

5.<sup>a</sup>) *Sitio.* (S. João VI 69) — Tenho sede.

6.<sup>a</sup>) *Consummatum est.* (S. João XIX 30) — Está consummado.

7.<sup>a</sup>) *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum.* (S. Lucas XXV 46) — Pae, em vossas mãos entrego o meu espirito.

## Correspondencias.

Nossos prezados correspondentes não de relevar desta vez, si resumimos em poucas palavras as longas correspondencias que nos enviaram, visto dispôr de pouco espaço.

**São Carlos do Pinhal.** — Duas datas memoraveis celebraram-se nesta cidade durante a passada quinzena: a festa de São José e a romaria do dia 29 de passado mez de Março.

A devoção a São José lançou fundas raizes no povo são carlense. Um triduo solemnissimo de preparação, avultada concorrência á meza eucaristica e solemnissima procissão das Filhas de Maria levando Nossa Senhora de Lourdes á Capella de Santa Cruz onde estão exercendo provisoriamente seus ministerios apostolicos os Missionarios Filhos do Coração de Maria, constituiram os actos com que os são carlenses honraram o castissimo Esposo de Maria. A' entrada da procissão produziu vibrante allocução o Rmo. P. Feliciano Yagüe e á noite o exmo. mons. Agnello de Moraes, quem com seu verbo in-

flammado mostrou ás Filhas de Maria cujo primeiro anniversario de sua instalação celebraram, as grandes vantagens que a Pia-União havia trazido á cidade e população de São Carlos.

— No dia 29 todas as Irm adades da cidade seguidas de numerosissimo povo dirigiram-se em devota romaria á Capella de Sta. Cruz entoando diversos canticos. Celebrada a missa, a exma. sra. d. Maria Elisa de Gastão leu a Consagração das Filhas de Maria a Nossa Senhora de Lourdes que estava numa gruta habil e caprichosamente adornada.

A romaria voltou á matriz onde receberam os romeiros a benção com o Santissimo Sacramento.

**Sta. Rita do Paraiso.** — Nesta cidade esteve o Rmo. Frei Florencio Luis Rodriguez agostiniano descalço, preparando os fiéis durante os dias 21 e seguintes até o 25, dia em que as Filhas de Maria, os centros do catecismo e toda a parochia celebraram a festa de Nossa Senhora. O Padre Florencio foi incansavel no pulpito e no confissionario, tendo se todos aproveitado-se bem de sua estada nesta cidade. No dia 25 houve missa cantada e sermão e ás 4 horas da tarde solemnissima procissão que percorreu, acompanhada de uma banda de musica, as ruas principaes. As Filhas de Maria e os Centros do Catecismo levaram seus respectivos estandartes e ao recolher da procissão o Rmo. Frei Florencio pronunciou bella e tocante oração sagrada. Terminaram os actos com a benção do Santissimo.

**São Paulo de Muriaé (Minas).** — O Rmo. P. Vicente Massini celebrou com extraordinaria solemnidade um triduo a São José que foi muito concorrido pelos fiéis desta cidade. No dia da festa, ás 9 horas da manhã, foi trasladada da residencia do sr. major Francisco de Barros Faria, depois de benta, uma linda imagem de São José que a exma. sra. d. Elvira Faria, digna consorte do sr. Francisco de Barros, offertou á igreja matriz. Por esta occasião compareceu grande concorrência de povo e os alumnos do collegio de São Vicente de S. Paulo.

Chegados todos á igreja foi celebrada missa cantada e á noite houve benção com o Santissimo Sacramento.

— O P. Vicente abriu em 1905 um collegio que hoje goza de merecida fama — chamado «São Vicente de Paulo».

Nelle ensina-se a religião e os deveres para o bom desempenho da vida social. O P. Massini lecciona os annos primeiro, se-



gundo e terceiro do curso gymnasial e as boas notas que seus alumnos obtiveram no Gymnasio annexo á Academia de Commercio de Juiz de F6ra revelam claramente a singular competencia do referido sacerdote e a confiança que as familias nelle depositaram quando lhe incumbiram da educaç6o de de seus filhos.

A populaç6o de S6o Paulo de Muriah6 orgulha-se de possuir um vigario zeloso na salvaç6o das almas e intelligente na educaç6o da mocidade.

## CHRONICA NACIONAL

A semana correu toda em inauguraç6es de estradas de ferro e em aprovaç6o de projectos para favorecer o prolongamento de outras.

O Presidente do Estado de S6o Paulo, acompanhado de numerosa e escolhida comitiva foi a Avar6 e Mandury onde inaugurou o prolongamento da linha Sorocabana at6 a Ilha Grande.

A Companhia Paulista, em reuni6o celebrada a 8 do corrente, p6diu 6 Directoria autorizaç6o para consentir a construcç6o de uma estrada de ferro entre Campinas e Itai-cy, dentro da zona privilegiada da Companhia Paulista, por qualquer empresa ou companhia que se proponha realizar a obra com a condiç6o de serem reservados os direitos da Companhia Paulista;

dar por emprestimo, com as garantias convenientes, a quantia de 600:000\$000, a juro de 7 0/0 ao anno, 6 Companhia Estrada de Ferro de Dourado, como auxilio para prolongar a sua linha ferrea a Bocaina e Bariry, atravessando a zona privilegiada da Companhia Paulista, com a condiç6o de rectificar o trecho da linha de Ribeir6o Bonito a Trabij6, por um novo trazado contornando a serra do Dourado, pelo valle do B6a Esperanç6, e de adoptar uma linha a construir, bem como em todo o seu systema ferro viario de penetraç6o, a bitola de de 1m00;

dar por emprestimo, com as garantias convenientes, a quantia de 200:000\$000, a juro de 7 0/0 ao anno, 6 Companhia Estrada de Ferro de Pitangueiras, como auxilio para construir o prolongamento da sua linha ferrea de Pitangueiras at6 Viradouro;

proceder 6 construcç6o do prolongamento da linha ferrea da Companhia, de Bebedeuro a Barretos, na extens6o de 57 kilometros, estando orç6ada a obra em. . . . . 1.413:347\$389;

tirar os fondos necessarios para os dois emprestimos e para a construcç6o do prolongamento a Barretos, dos saldos disponiveis da Companhia.

A importante e prospera Companhia Paulista teve um saldo disponivel no exercicio de 1907 de 5.374:093\$760 r6is depois de pagos os dividendos, os respectivos impostos e a divida externa. Dessa quantia vai tirar 2.200:000\$000 para os applicar aos fins acima combinados, ficando ainda com um saldo de 3.174:093\$760 a passar para o anno seguinte.

— Outra obra de melhoramentos realizou-se na vizinha cidade de Campinas onde a benemerita *Sociedade de S6o Vicente de Paulo* lanç6o com toda a solemnidade a primeira pedra na Villa Industrial, da primeira casa das 76 que vai levantar, destinadas todas aos pobres que ella soccorre.

A *Cidade de Campinas* descreve minuciosamente a cerim6nia que presidiu o Rmo. Vigario da Matriz da Corceiç6o pronunciando no acto bem elaborado discurso nosso particular amigo dr. Antonio Lobo digno Deputado] ao Congresso Estadual. Foi levantada uma acta que foi encerrada e collocada debaixo da primeira pedra, com os jornaes da terra e nossa revista *Ave Maria*.

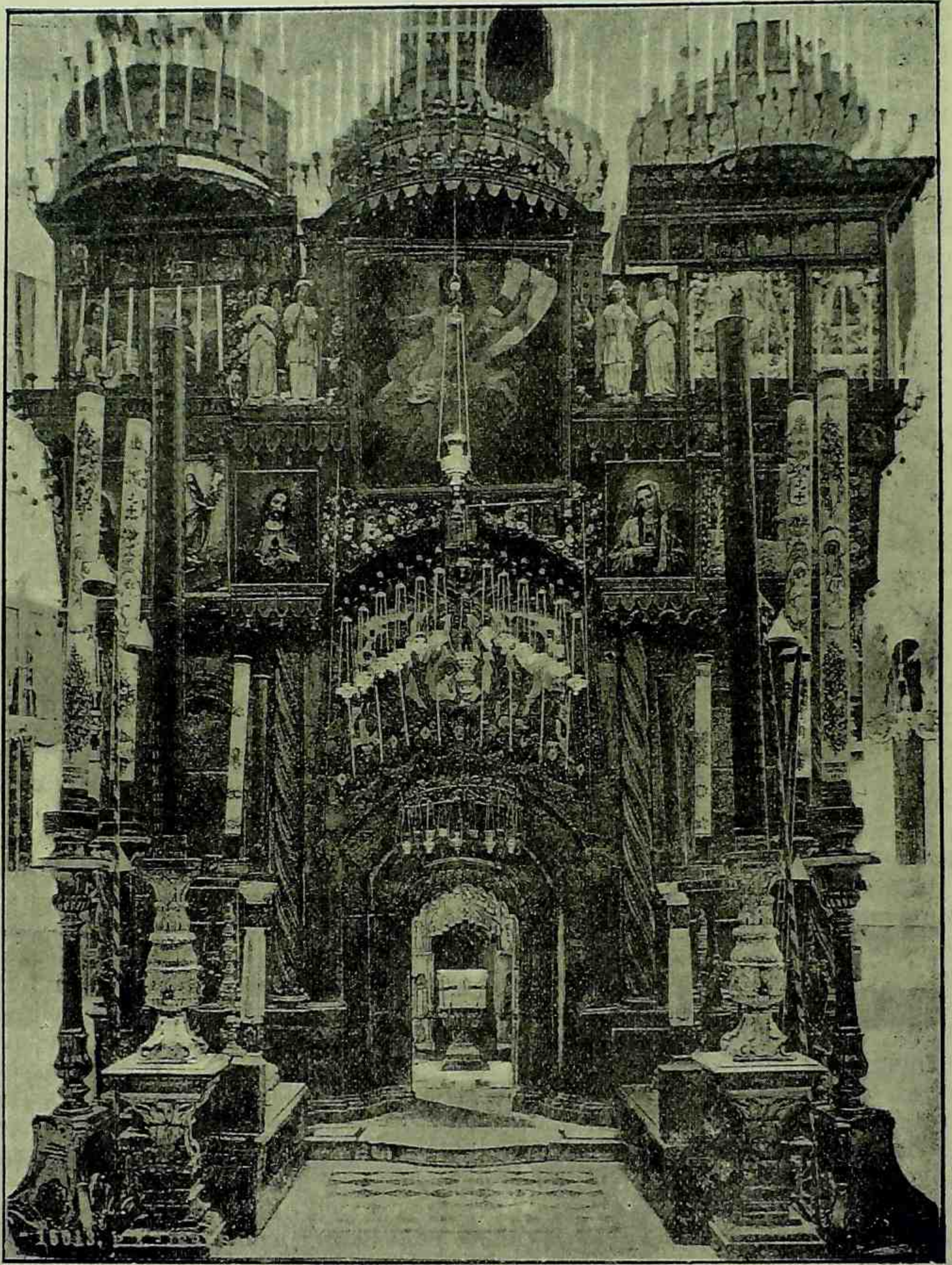
**Benç6o de Imagens.**— Na proxima quarta feira, dia 15, e 6s 6 horas da tarde, ser6o bentas com a toda solemnidade duas preciosas e perfeitissimas Imagens de Nosso Senhor Morto e de Nossa Senhora das D6res vindas ha pouco dos afamados talleres de Barcelona para este Santuario do Coraç6o de Maria. As referidas Imagens, que constituem uma preciosidade pela sua perfeiç6o artistica, foram adquiridas expressamente para as cerim6nias e solemnidades de Semana Santa. No acto da benç6o servir6o de padrinhos o exmo. sr. dr. Antonio Moreira Barros e a exma. sr. d. Elisa Moreira de Barros.

**Tombola.**— Em beneficio do Asylo de Bom Pastor.— Preç6 1\$000 — Sorteio de almofadas, chap6es de sol, bolero, varios objectos bordados a branco, lencinhos, gravatas para senhoras, etc. a effectuar-se no dia 3 de Maio de 1908 6 1 hora da tarde no mesmo Asylo. Os cart6es podem ser procurados nesta Administraç6o, ou bem no Asylo do Bom Pastor— Ipyranga, S6o Paulo.

Com permiss6o da auctoridade ecclesiastica.

Tip. do Imdo. Coraç6o de Maria.





TEMPLO DO SANTO SEPULCHRO  
Constitue a parte mais bella da Basilica